

Hoje

JEFFERSON AUGUSTO
PEREIRA DOS REIS

intransitiva
• revista

PEQUENOS PRAZERES (V.7, N.1, 2023)

Hoje

Jefferson Augusto
Pereira dos Reis

temas
sensíveis !

Quando acordei, o céu ainda era uma mistura entre a noite e a manhã, faltava um tempo até a hora de me levantar, então me mexi tentando descobrir se minha mulher também já estava acordada, nós sempre gostamos de encontrar um ao outro trocando carinhos e carícias. Nos encontramos de novo essa manhã, conversamos, cuidamos um do outro, fizemos e juramos amor mais uma vez antes de nos levantarmos para enfrentar o dia.

Fui automaticamente em direção à cozinha, botei a água do café para ferver em fogo baixo e aproveitei o tempo tomando um banho rápido, como sempre faço. A caminho do chuveiro, sintonizei o rádio na 99.3 mais uma vez porque aproveitar a combinação entre música clássica e as informações sobre o trânsito carioca sempre foi divertido para mim, além do quê, as notícias sobre a Avenida Brasil ajudam todo trabalhador a decidir como vai se movimentar pela cidade.

Esse ano compramos um carro, fiquei feliz demais! Um Celtinha preto, 2012, inteirão, coisa linda, mas ouvindo a rádio, quase desisti dele, pensando em voltar a ir para o trabalho de ônibus. Sempre fico indignado quando a alta da inflação aparece no preço da gasolina, ainda mais quando penso que gasto nesses engarrafamentos causados por obras mal desenvolvidas, mas quando lembrei dos tantos anos de experiência no 355 lotado, decidi dirigir, preferi garantir o conforto, pois no final do mês eu poderia fazer umas corridas com o aplicativo se as contas apertassem.

Quando vamos juntos para o trabalho, costumo ir dirigindo, pois a escola em que ela trabalha é mais perto da nossa casa, mas hoje resolvi gravar um vídeo nosso enquanto ela dirigia e fui no carona. Foi muito divertido porque ela não entendeu que minha intenção era essa e, sem perceber que eu havia ligado a câmera do celular, ligou o som do carro na maior altura e foi logo cantando com o Mano Brown: “É necessário sempre acreditar que o sonho é possível. Que o céu é o limite e você, truta, é imbatível...”. Caramba! Quando me dei conta, eu também tinha começado a acompanhar a pedrada do Racionais e de repente tínhamos quase cinco minutos gravados, um desses vídeos épicos, capazes de contar toda uma história. Nos despedimos afetuosamente quando chegamos a São Cristóvão e assumi a direção.

Trabalhar na rede pública sempre foi um sonho meu, mas a só prática evidencia o tamanho deste desafio, principalmente quando essas escolas se encontram em regiões de maior abandono político-social, como a escola em que comecei a dar aulas neste ano. A noite havia sido complicada na Maré e os alunos que compareceram estavam muito mais tensos que o normal. Nestes dias, todos os profissionais assumem uma espécie de pacto silencioso e mais do que nunca o espaço-escola extrapola o gesso das ementas e aprende-ensina acolhimento, sobretudo. É muito complexo, mas vivendo momentos como esses aprendi a encher o peito de orgulho por ter escolhido a educação.

Embora o sonho alimente o espírito, muitas vezes a prática esgota minhas forças. Eu descobri que hoje estava sendo um desses dias difíceis quando entrei no carro para ir embora, estava exausto. Lembro de ter pensado que se o dia não tivesse começado tão bem, teria sido mais difícil. Troquei algumas mensagens com minha mulher e propus repetirmos o jantar que havíamos feito na semana passada, que era bem prático e delicioso, ela topou e sugeriu um vinho que já vínhamos

adiando há alguns dias. Maravilha! Nessa hora voltei a me sentir mais disposto pensando sobre como eram boas as noites cozinhando juntos, dividindo as experiências do dia. Refiz mentalmente a lista do supermercado e segui para lá.

Quando voltava para casa, decidi passar por um caminho alternativo, um pouco maior, talvez até perigoso, mas ainda era cedo e a rota estaria sem engarrafamentos, com certeza. No final de uma rua longa, próximo ao Jacarezinho, uma moto vinha em sentido contrário e passou acelerada por mim, a um fio do retrovisor. Antes que eu pudesse xingá-lo, virei à esquerda, entendi imediatamente e parei o carro de uma só vez, numa freada brusca. Congelado pelo que via, fiquei totalmente travado, pensei em sair dali, mas minhas mãos estavam agarradas ao volante e o pé direito afundado no freio. Uma viatura estava logo adiante, enviesada no meio da rua e do lugar onde ela estava, vinham em posição de ataque quatro policiais com suas armas imponentes e seus coletes à prova de balas. Seus fuzis estavam apontados na direção dos garotos sem camisa, parados junto ao meio fio. Já estavam muito perto. Um dos garotos segurava algo quando levantou as mãos. Pareciam os meus alunos! Quis sair do carro, mas começaram a atirar. Lembro de ter gritado: “O que está acontecendo? São só garotos!”. Tenho certeza de que vi dois deles caindo antes de ouvir um forte zunido e uma dor alucinante invadir meu peito, fazendo com que tudo ficasse preto...

Fiquei um tempo grogue, acordando e voltando a dormir, até perceber estar num quarto de hospital. Quando retomei a consciência, percebi que minha mulher estava ao meu lado e enquanto conversávamos, fui retomando cada parte do quebra cabeça que compôs o meu dia até agora. Descobri que um dos disparos atravessou o vidro da frente, acertou meu ombro



e eu desmaiei. Fiquei instantaneamente feliz por estar vivo, pela lembrança de cada um dos detalhes que preencheram meu dia de sentido, mas imediatamente após me sentir assim, me lembrei dos garotos caindo. Houve um “erro de interpretação por parte dos oficiais”, eles disseram. Os instrumentos dos garotos foram confundidos com armas e apenas dois entre os cinco amigos sobreviveram. Eles voltavam do ensaio.

Vou voltar para casa amanhã, retomar os pequenos e íntimos hábitos que me ajudam a seguir e dão sentido aos meus dias, mas sei que irei me perguntar para sempre: onde moram os prazeres daqueles meninos e suas famílias? Como encontrar um sentido para estarem vivos, se com música nas mãos eles se tornaram alvos?

Sobre o autor

Jefferson é mineiro do interior, radicado no Rio de Janeiro há dez anos. Escreve as suas impressões sobre o viver desde a infância e fez do gosto pela escrita ponte para o curso de Letras da UFRJ. Manteve o hábito como parte de um caminho interno por um longo tempo, mas a passagem dos anos fez com que tomasse a decisão de tornar a prática da escrita uma válvula de escape da sua leitura do mundo e do grito silencioso que movimenta o espírito dos inconformados.